

PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS DE HANS URS VON BALTHASAR E SUA COMPREENSÃO DE REVELAÇÃO DIVINA

Jair Luís Reis

REIS, Jair Luís. Pressupostos teológicos de Hans Urs Von Balthasar e a sua compreensão de revelação divina. **Rhema**. Belo Horizonte: Fumarc, 2007. vol. 13, ns. 42/43/44 (Edição Unificada), p. 75-105.

RESUMO

A partir do pensamento teológico-revelacional de Hans Urs Von Balthasar, o presente artigo procura expor os momentos basilares da revelação de Deus. Deus se fez palavra carnal e palavra audível em Jesus Cristo. É a partir dele, de seus atos, gestos e palavras, que o divino encontra expressividade eterna no seio da história. Ele concede elementos que assinalam e comunicam a presença e ação de Deus na história, essencialmente na cruz, momento cume da revelação.

Palavras-chave: revelação, palavra, Deus, cruz, amor, estética teológica, kénosis.

ZUSAMMENFASSUNG

Ausgehend von der offenbarungstheologischen Reflektion Hans Urs von Balthasars versucht diese Artikel die Grundmomente der Selbstoffenbarung Gottes aufzuzeigen. Gott hat sich fleischliches und hörbares Wort gemacht. Von ihm aus, seine Taten, Gesten und Worten, gewinnt das Göttliche ewigen Ausdruck in der Mitte der Geschichte.

Er verleiht Elemente, welche die Präsenz und die Aktin Gottes in der Geschichte hervorheben, vor allem am Kreuz, höchster Moment der Offenbarung.

Schlüsselwörter: offenbarung, wort, Gottes, kreuz, liebe, theologische ästhetik, kénosis.

PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS DE HANS URS VON BALTHASAR E SUA COMPREENSÃO DE REVELAÇÃO DIVINA

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa à fundamentação de alguns pressupostos teológicos centrais da teologia de Balthasar, evidenciando sua forma de fazer teologia (seu método) e mostrando a acentuação cristológica do seu pensamento. Em seguida, já no centro de nossa reflexão, procuraremos evidenciar os elementos centrais da sua compreensão de revelação, como ela se desencadeia (a forma), no que consiste seu conteúdo e qual é o grande centro unificador da mesma.

Hans Urs von Balthasar pretende dar novos elementos para pensar a teologia e, com isso, defronta-se com realidades novas, as quais lhe permitirão fazer seu caminho teológico com outros moldes, evidenciando a carência de algumas propostas teológicas, devido aos seus respectivos métodos.

MÉTODO HERMENÊUTICO: CENTRADO NA ESTÉTICA TEOLÓGICA

O método de fazer teologia, utilizado por Balthasar, nem é dedutivo (parte da Palavra de Deus e da Tradição), nem indutivo (cunhado na experiência de fé da comunidade eclesial, voltando depois à comunidade), mas sim um método de integração, porque este não elimina nem

ignora as ações de Deus para manifestar a sua glória, como também não ignora o que o ser humano realiza para lhe dar glória¹.

Hans Urs Von Balthasar faz a leitura revelacional em termos estéticos, por três razões elementares: a) a hermenêutica realizada a partir da estética teológica, não torna a mensagem revelada débil e, muito menos, limita-a, como fazem as interpretações cosmológicas e antropológicas; b) a experiência estética é imprescindível ao verdadeiro conhecimento; c) o intuito estético está desinteressado e se defronta com o outro como outro².

A “estética teológica” é o método que tem dupla significação: é uma doutrina subjetiva da percepção e uma doutrina da autointerpretação objetiva da glória divina. Esse método tem a pretensão de ser uma forma definitiva e central do pensamento teológico, para o que, as perspectivas, cosmológica e antropológica, podem ser, no máximo, complementos. A estética, ponto de partida peculiar de Balthasar, é sumamente teológica: resulta do ato de fé na gloriosa comunicação do amor de Deus³.

Assim como nós não podemos alcançar o Deus vivente se não mediante o seu Filho encarnado, realmente através dele, da mesma forma não podemos falar da beleza de Deus abstraindo da sua aparição e da sua forma histórico-salvífica. Graças à aparição de Deus e à glória inefável e digna de Deus, que nesta aparição se fez presente, é possível ler e ascender à beleza e à glória próprias de Deus⁴.

A contemplação estética de Balthasar é central e provoca o estupor diante da grandeza do poder e da glória divina. Esse tipo de contemplação é possível, porque Deus se manifestou na carne, na contingência

1 MONDIN (2003, p. 678).

2 Idem, p. 676.

3 BALTHASAR (1969, p. 10).

4 FORTE (1999, p. 69).

histórica, na figura finita, única, e nenhuma concepção humana poderá superá-la e contemplá-la em sua totalidade⁵.

A BELEZA

Balthasar recupera a dimensão estética do cristianismo, centrada na relevância do belo. A estética é o caminho que conduz à glorificação eterna; a beleza comunica-se na finitude humana, para proclamar ao mundo a alegria e a esperança salvífica, que na encarnação do Verbo, é doada⁶. A revelação cristológica manifesta a beleza: na crucifixão e ressurreição. Jesus Cristo é a beleza em pessoa. É também possível contemplar, na beleza histórica, o que é e representa a beleza eterna, que se manifesta em Jesus, de forma misteriosa e verbal.

A beleza (*Schönheit*) é a palavra mais elevada do intelecto humano, tendo como base, outras duas relacionadas, isto é, verdade e bondade. A pessoa de Jesus Cristo é o “arquetipo” do belo, é o “*eidos* da figura de Deus”; por isso, é o parâmetro para todas as belezas. O evento da encarnação e da justificação são as belezas supremas. Na intelecção do autor, a palavra e a vida de Cristo são expressões visíveis da glória de Deus (*Herrlichkeit*) e do belo divino. Ele é o “Senhor da glória”, a plenitude da glória⁷.

A ACENTUAÇÃO CRISTOLÓGICA DO PENSAMENTO TEOLÓGICO DE BALTHASAR

A cristologia de Balthasar apresenta uma acentuação ascendente, não de forma antropocêntrica ou antropológica, mas cristológica e,

5 MODA (1976, p. 327).

6 FORTE (1999, p. 63).

7 MARCHESI (1997, p. 290-291); (2 Cor 2,8); (Rm 9,23); (Ef 3,16); (Fl 4,19)

portanto, teológica. Na pessoa de Cristo, o ser humano é potenciado, ao máximo, e nele está o vértice da sua realização.

Por cristologia ascendente, entendemos toda dinâmica que sustenta a existência histórica de Cristo, todo o seu movimento intencional, que o leva, em modo sincrônico, ao Pai e aos seres humanos até o sacrifício supremo, até o dom total de si mesmo, por amor. Deus Pai, lugar originário da vinda do Filho no mundo, permanece no âmbito vivido, no qual Cristo opera, prega, realiza os milagres, morre e ressuscita⁸.

Para compreendermos a cristologia em Balthasar, é imprescindível que as categorias de obediência e *kénosis* sejam tomadas como base. O Verbo de Deus se fez homem para realizar a vontade do Pai, na obediência enquanto Filho de Deus. A obediência do Filho é a resposta e prova do amor eterno do Pai, e é tão profunda que o “mandante” (Pai) e o “mandado” (Filho) agem conjuntamente movidos pelo divino amor, ou seja, “o Filho deixa ao Pai a liberdade de dispor da sua vida até o fim da própria morte, e o Pai deixa ao Filho a liberdade de ser obediente até mesmo na cruz”⁹.

Para o autor de Lucerna, Cristo não é somente “palavra originária de Deus” (*Ur-Wort*), mas também é a “resposta primogênita” (*Ur-Antwort*), porque primeiro respondeu, de forma positiva, ao Pai e deu a primeira resposta à palavra, ao encarnar e assumir a missão divina; ele foi o primeiro que concedeu aos seres humanos a possibilidade de resposta. Ele é, ao mesmo tempo, palavra e resposta do mesmo ato de amor, é palavra viva e livre, da qual emana um poder libertador e salvador para quem se põe em atitude de escuta.

A “palavra originária” está associada à identidade da pessoa de Cristo. Ele se constituiu, em toda a sua existência, portador da palavra definitiva do Pai, além de também ser a palavra transcendente de Deus

8 MARCHESI (1997, p. 215).

9 BALTHASAR (1981, p. 228-229).

(*Überwort*). Este *über* pode designar a transcendência dessa palavra, que comunica o ensinamento e a vida divina, como também a verdade, da qual emana uma nova realidade para as pessoas e para o mundo¹⁰.

A sua proposta cristológica, baseada no evangelho de são João, articula-se a partir da vinda e do retorno, também da descida e da elevação, apresentando duplo direcionamento para evitar sua decaída numa cristologia do tipo mística ou gnóstica. Dessa forma, preocupada exclusivamente com a transcendência de Deus, tal proposta atribui a Deus a iniciativa salvífica e libertadora, mas, somente sob esse prisma, ocasiona uma mutilação, porque seriam postos, numa segunda instância, a vida e o ensinamento histórico, terreno, de Jesus. Assim, a transcendência ficaria privada da imanência, porque Cristo é pessoalmente a expressão, a revelação da invisibilidade de Deus, sinal fecundo da presença e ação do Pai no mundo, (cf. Jo 5,17; 19,21-22;27;36; 10,25;29)¹¹.

Ele foi constituído pelo Pai como o único revelador e a verdade absoluta de Deus para todos e, principalmente, a redenção de todo gênero humano. É a expressão definitiva de Deus: mediante sua existência na total doação ao outro, a plena disponibilidade ao projeto do Pai, havendo, dessa forma, uma perfeita e profunda harmonia que resultou no “acordo ontológico” (Deus-homem), ou seja, Jesus é a expressão e imagem perfeita do Pai, e isto só foi possível a partir da encarnação¹².

O ser de Deus “se abre para nós como luz, verdade, bondade e beleza, e é garantia da liberdade e da livre resposta do ser humano”¹³. Isso sucede em Cristo, porque ele desvela o mistério do ser divino e de seu eterno amor. Balthasar expressa a autorrevelação do ser da verdade, servindo-se da categoria bíblica *emeth*, a qual designa a fidelidade constante,

10 BALTHASAR Apud MARCHESI (1997, p. 249).

11 Ibidem, p. 217.

12 BALTHASAR (1972, p. 195-187).

13 MARCHESI (1997, p. 222).

ou seja, em Deus se pode depositar a confiança sem reservas. A sua revelação histórica não pode ser vista como contrária ao ser humano, porque selou a aliança definitiva com ele, como também o salvou em Cristo. Deus comunica-se com o ser humano por meio da linguagem sensível; interpela-o com sua palavra, pela existência e obras de Cristo, como também lhe permite participar de sua obra, ao conhecer a verdade divina e a possibilidade de responder positivamente a ela¹⁴.

Para Balthasar (1992), a antropologia e teologia em Cristo encontram conjuntamente uma dimensão insuperável, porque nele a plenitude da vida intradivina se conjuga e se realiza no homem: em Jesus, que reorienta e humaniza o existir humano¹⁵.

Deus fala, por meio de palavras, e, em Cristo, ele o faz de forma definitiva, sobre o drama da história humana. A historicidade é a fonte da nova criação, porque, por meio dela, Deus assume a humanidade e opera suas maravilhas. Nela, o invisível torna-se visível. O que era incompreensível se desvela aos olhos dos seres humanos.

A dignidade e a eficácia do agir de Cristo não somente se manifestam em sua vida, mas, também, nos efeitos que suas obras têm sobre o mundo, sobre o que nosso autor explica ainda que:

Um único Deus onipotente, que criou com sua palavra todas as coisas, as visíveis e invisíveis... e por meio desta palavra, com a qual concluiu a criação, realizou nela também a salvação dos seres humanos¹⁶.

14 MARCHESI (1997, p. 224-225).

15 BALTHASAR (1992, p. 118).

16 Idem, p. 143.

A REVELAÇÃO DE DEUS EM BALTHASAR

A revelação sucede em meio à história, porque o próprio Deus quis assumir e participar dessa realidade. Ele comunicou a plenitude do seu ser (ele mesmo) na pessoa de Jesus Cristo, seu Filho, por isso, ele é a linguagem insuperável, por meio da qual, desvela-se aos olhos humanos o que era invisível, inacessível. É imprescindível que estructuremos os componentes basilares da revelação de Deus, a partir da compreensão da teologia de Balthasar. Esses componentes são: a epifania de Deus na encarnação; a obediência filial; a cruz, ápice da revelação divina; Cristo, plenitude da revelação divina; a *kénosis* de Deus e a linguagem insuperável de Deus.

Na automanifestação de Deus, ele mesmo (o seu ser) se comunica aos seres humanos, ao mundo, e isto só é possível pelo primado da sua iniciativa: porque ele socorre a humanidade, previamente, mediante sua graça, e assim a mesma humanidade pode responder de forma positiva. O conhecimento e a experiência divinos, necessariamente, acontecem mediados pela realidade histórica: pelos fatos, pelas pessoas etc. Dessa forma, a invisibilidade divina torna-se visível através dos elementos históricos, sobretudo, na pessoa de Jesus Cristo. A doação primeira da graça divina acontece essencialmente na disposição do coração humano para o amor, porque este é o elemento central que dá sustento e, ao mesmo tempo, disposição à pessoa, para ver e reconhecer o amor absoluto que vai ao encontro das pessoas, sendo através de sua manifestação que cada ser humano é iniciado na fé¹⁷.

A alteridade de Deus somente pode ser percebida e tocada na manifestação humana. O *Lógos* divino é, portanto, o centro da teologia, porque ele é o Filho de Deus, o “exegeta” do Pai. Já o Espírito Santo abre os olhos das pessoas para que creiam na verdade divina¹⁸.

17 MARCHESI (1997, p. 275-276).

18 BALTHASAR (1992, p. 136).

A unidade de Deus e de seu plano salvífico se verifica na Sagrada Escritura desde a criação até a consumação, na encarnação-ressurreição. Há uma profunda unidade histórica, que encontra sua máxima expressão na ressurreição. Em sua incomensurável majestade e infinitude, Deus manifesta-se no Verbo enquanto carne. Nessa encarnação está presente o ápice da teologia, a saber, a total glorificação de Deus e, diante dessa grandeza da graça de Deus, o ser humano é exortado a corresponder ao infinito amor, que se destina a todos e obriga a cada um a dar sua resposta¹⁹.

A evidência subjetiva da epifania da glória de Deus é revelada a poucos privilegiados, mas se tornou uma possibilidade real e universal. Mas, para falar da evidência subjetiva, é necessário que compreendamos a fé em sua globalidade, ou seja, em seus elementos constituintes, suas manifestações, fundamentos e integralidade, os quais estão contemplados na pessoa de Jesus Cristo, figura central da revelação²⁰.

Deus foi-se comunicando, revelando-se na história, mas a revelação encontra seu ápice na pessoa de Jesus Cristo. Ele é a plena “epifania de Deus”, a sua teofania. Para aprofundar a temática teofânica, o teólogo suíço serve-se da estética teológica, centrada na certeza de que a categoria da beleza é a que melhor ilumina a verdade sobre Deus²¹.

A objetividade e a concretização sensíveis são aspectos que reclamam e enfatizam a necessidade de uma figura (pessoa) que revele a manifestação de Deus, em tudo que o constitui e o compõe, que permita ao ser humano fazer a experiência e também encontrar um fundamento eterno. A figura de Cristo é, por excelência, o lugar e a forma pelos quais se dá o encontro entre Deus e o ser humano²².

19 MODA (1976, p. 305).

20 MARCHESI (1997, p. 280).

21 MODA (1976, p. 342).

22 MARCHESI (1997, p. 279-280).

A epifania de Deus, isto é, sua manifestação, sucede na ação redentora e libertadora de Jesus Cristo, na qual a invisibilidade do Pai se manifesta através das muitas obras que seu Filho realizou em sua vida pública e que agora continua ainda realizando por meio da Igreja. O fundamento primeiro da imanência de Deus está na criação, pela qual comunicou sua grandeza e o seu infinito poder, o que evidencia que a condição ontológica está em Deus²³.

No evangelho de São João, aparece claramente que por Jesus Cristo é comunicada a totalidade da realidade divina: “Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida”; “Eu sou a ressurreição. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá”; “eu sou o pão da vida. Quem vem a mim, nunca mais terá fome, e o que crê em mim nunca mais terá sede”²⁴.

Jesus, como palavra de Deus, testemunha tudo aquilo que viu, ouviu e aprendeu do Pai; como Filho Unigênito, recebeu a tarefa de comunicar a plenitude do Pai. Esta palavra também interpela a cada um a dar uma resposta positiva. A vida de Cristo é compreendida como dedicação e decisão pela palavra de Deus. Ele é “a figura *arquetípica*, por excelência; necessária, segundo as vias da revelação divina, pois traz a experiência *arquetípica* de Deus”²⁵.

A ENCARNAÇÃO

A encarnação é o evento escatológico único e insuperável. O Pai torna-se plenamente acessível no Verbo feito carne, por isso, o Verbo é o sumo da revelação, é o elo pelo qual a glória e a graça divinas são transmitidas.

23 MODA (1976, p. 343).

24 cf. Jo 8,12; 11, 25; 5,35; 48;51.

25 BALTHASAR (1985, p. 280).

A partir disso, vemos o mundo como lugar fecundo, no qual acontece o encontro e a comunicação com Deus. No Verbo encarnado, o universo encontra seu sustento, sua glorificação e justificação²⁶; como explicitado na epístola aos Hebreus, “é ele o resplendor de sua glória e a expressão de sua substância; sustenta o universo com o poder de sua palavra” (Hb 1,3).

O Verbo de Deus veio ao mundo com sua missão clara:

*Pois eu desci do céu não para fazer minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade daquele que me enviou é esta: que eu não perca nada do que ele me deu, mas o ressuscite no último dia. Sim, esta é a vontade de meu Pai: quem vê o Filho e nele crê tem a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia (Jo 6,38-40)*²⁷.

Ele se fez homem na carne (forma corpórea) “para manifestar e ser na carne a verdade e a vida de Deus”²⁸. Com isso, queremos sublinhar suas funções, redentora e reveladora. Nele, essas são expressões máximas do poder divino que lhe foi conferido. O seu ensinamento e sua vida são portadores da *exousía* divina.

Outro sinal importante da pessoa de Cristo é sua plena obediência: ele permite que a ação fecunda do Pai se manifeste nele, visível e totalmente, fecundando todo o seu existir. Deus, que era transcendente, inatingível pelas pessoas, torna-se contemplável em sua palavra, em sua encarnação e na cruz. Segundo Balthasar, a transcendência divina tornou-se acessível e comunicável, dessa forma, a linguagem e a palavra de Deus são expressas através da linguagem e da palavra humanas,²⁹ assim, a verdade chega ao ser humano de forma visível.

26 Bíblia Sagrada de Jerusalém (2002)

27 BALTHASAR Apud MARCHESI (1997, p. 276).

28 Hb 1, 3; Fl 1,1;

29 BALTHASAR (1964, p. 21): A Sagrada Escritura não se confunde com a revelação; ainda que ela seja Palavra de Deus, o é enquanto testemunha da palavra revelada. Além do relato bíblico-escriturístico da Palavra, na história estão presentes outras formas que comunicam e visibilizam a vontade e Palavra de Deus.

A Palavra³⁰ feito carne veio habitar em nosso meio. A revelação, em sua essência, está vinculada à Palavra, que exprime e proclama a vontade salvífica de Deus e sua verdade. O próprio Deus revela que suas ações ocorrem intermediadas por sua Palavra, de forma que, tudo o que é comunicado à humanidade, é feito por meio dela, e é nela que tudo subsiste e encontra significação³¹.

Já na encarnação, no homem Jesus, está contida e expressa a vontade divina³². O invisível pode ser reconhecido por meio da visibilidade histórica de Cristo. Toda ação de Cristo é testemunho e prova do infinito amor do Pai, que, em sua inesgotável sabedoria, criou meios que lhe possibilitou ser conhecido, aceito e experienciado. O amado do Pai (Filho) se pôs a serviço de todos, proclamou e implantou o reino de Deus, assumindo todas as consequências posteriores, inclusive o sofrimento, a dor e a morte³³.

A nova aliança prometida por Deus (Is 24,5; 55,3; Jr 31,31-34; Os 2,20) se cumpre de forma definitiva em Jesus Cristo (Hb 9,15-28), quando o próprio Deus entra visivelmente na história e inaugura um novo tempo: o *Kairós*.

Obrigatoriamente, a revelação divina possui seu foco na pessoa de Cristo, que, ao viver a plenitude do amor divino, fez de sua vida uma entrega total ao Pai, convertendo-a em uma oferenda perfeita, que se tornou fonte de salvação para todas as pessoas³⁴.

Na entrega de Jesus Cristo, na sua encarnação (*kénosis*) eclode a nova imagem de Deus. A decisão de Deus pela encarnação é um abaixamento, visto que participa da história, redimensionando-a³⁵. Todo

30 Idem, p. 19.

31 BALTHASAR (1972, p. 16-17); (Jo 1, 18); (Hb 1,3); (Jo 1,14); (Cl 1,16-17).

32 Ibidem, p. 27.

33 MARCHESI (1997, p. 242).

34 BALTHASAR (1998, p. 36).

35 Ibidem (p. 65).

pensamento sobre Cristo remete indubitavelmente à cruz. Na fraqueza de Deus, são revelados sua força, seu poder salvador e seu amor infinito. O que parecia o fim se torna o princípio e o centro da salvação. O Cristo crucificado torna-se o sinal revelador e salvador do Pai³⁶.

A automanifestação de Deus na encarnação da sua Palavra se fez visível uma vez por todas historicamente no espaço e tempo e visível não somente como figura humana, mas como ação salvífica unida a tal pessoa histórica. Por consequência, cada olhar na profundidade da ação salvífica de Deus está para sempre unido à 'visão' histórica das testemunhas oculares. O fato que eles o "viram, ouviram e tocaram" permanece, na historicidade, na base de toda percepção ulterior pela Igreja.³⁷

Deus se fez palavra carnal e palavra audível. O que era inacessível aos olhos humanos se tornou acessível e visível em Jesus/Palavra³⁸, a partir de sua existência terrena, de sua entrega total ao Reino de Deus, o qual operou no mundo as maravilhas do Pai, bem como comunicou o amor divino ao mundo, manifestando em si a glória de Deus.

Em Filipenses (2, 6), encontramos a forma e o modo de ser divino e humano de Cristo, que comunica a vida do Pai. Por isso, ele é luz e vida, como acentuou João³⁹. Essa luz é fonte de salvação do mundo. Nele, a salvação é manifestada e quem nele crê participará da glória de Deus. Em Cristo, delineia-se a imagem divina, visto que nós compreendemos e vemos Deus, através de sua palavra e imagem. No ato do crer estão, implicitamente, presentes dois fatores: "o amor crente por Jesus e nele para Deus", e a atualização desse mesmo amor na vida do próximo⁴⁰.

36 Idem (1991, p. 261).

37 Ibidem (p. 260.)

38 1Tm 6,16; Jo 3,16; 1Jo 3,16;

39 1,4b; 8,12b; Jo 1,18; 5,37s; 6,43;

40 BALTHASAR (1991, p. 260); 1 Jo 4,20; Jo 14,1

Deus entrou na finitude da história, na contingência, para comunicar a plenitude da sua vida. A última palavra de Deus foi comunicada pelo próprio Filho, e, através dele, foi doada nova forma de união e comunicação, a qual encontra seu pleno sentido na “não-Palavra”, ou seja, na cruz⁴¹. Através da cruz, são comunicadas a graça e a beleza divinas, características que são emanadas do eterno amor divino. Dessa forma, Deus já revelou sua vitória e a eterna justificação (ressurreição)⁴². É preciso assinalar os dois momentos que estruturam a manifestação de Deus, em Cristo: a invocação e evocação. Cristo não é estranho à nossa realidade. Ele assumiu a condição humana, entrou na história humana, mantendo sempre a comunhão fecunda com o Pai e o Espírito Santo.

Assim, na pessoa de Cristo, contempla-se uma profunda unidade, e à medida que seu ser se torna conhecido, é em si mesmo desvelado. Nele, toda verdade divina desvela-se, nada fica às escondidas. Apoiado em Heidegger, Balthasar mostra que Deus mesmo se manifesta: a revelação acontece pela comunicação do seu próprio ser (*das Sein selbst*), ou seja, a revelação é a comunicação do Ser divino. Da mesma forma como a luz que se irradia, a graça de Deus se difunde no meio da humanidade. Para Balthasar, é o ser mesmo que se manifesta e comunica a sua profundidade ontológica (*das Sein erscheint*)⁴³.

A encarnação é, sem dúvida, a novidade substancial para o ser humano, a qual foi constituída por Deus, como evento de salvação para todos. Cristo, por isso, é o centro da teologia e da revelação, ou seja, é o dom escatológico do Pai. É o *Lógos* divino que assume o *lógos* humano e comunica a plenitude da sua verdade e do seu ser⁴⁴.

41 BALTHASAR (1978, p. 35).

42 Ibidem (p. 42).

43 MARCHESI (1997, p. 221).

44 FISICHELLA (1990, p. 516).

Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus ultimamente, nestes nossos dias, por meio de seu Filho. Enviou o seu filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os seres humanos, para habitar entre as pessoas e explicar-lhes os segredos de Deus. Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado 'como homem aos seres humanos', fala, portanto, 'as palavras de Deus' (Jo 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (cf. Jo 5,36; 17,4)⁴⁵.

A proclamação dos apóstolos enfatiza que o próprio Cristo lhes pede que deem testemunho acerca da paixão e da ressurreição (cf. Lc 24,46-48, 1Cor 15,3ss; At 26,22). A encarnação acontece em vista da redenção, pois, segundo Balthasar, o *Lógos* divino reveste-se de um corpo, carnal, a fim de conhecer o sofrimento humano e doá-lo em sacrifício, visto que, em sua forma própria, por si mesmo, isso não seria possível⁴⁶. Como comprova a Constituição *Dei Verbum*:

Aprouve a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (Ef 1,9), mediante o qual os seres humanos, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina... Esta 'economia' da revelação executa-se por meio de ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de tal maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e corroboram a doutrina e as realidades significativas pelas palavras, enquanto as palavras declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido. E a verdade profunda, tanto a respeito de Deus como a respeito da salvação dos seres humanos, manifesta-se por meio desta

45 CONCÍLIO VATICANO II (1997, n. 4).

46 BALTHASAR (1998, p. 32).

*revelação no Cristo, que é simultaneamente o mediador e a plenitude de toda revelação*⁴⁷.

A *kénosis* de Deus é insuperável e definitiva na encarnação, como também a visão redentora que obrigatoriamente remete à vontade trinitária: o Pai e o Espírito Santo juntamente com Cristo estão comprometidos com a *kénosis*: o Pai envia e confia a seu Filho a missão e lhe concede a plenitude do seu amor e poder e o Espírito Santo é a fonte dessa união.

Deus quis assumir a humanidade (fazer-se homem), para fazer a experiência da existência humana em sua “interioridade” (cf. Hb 2,18; 4,15); para restaurá-la e salvá-la. Portanto, a ação divina não acontece “ad extra” da realidade humana, ao contrário, acontece nela, desde dentro, servindo-se dos seres humanos e das estruturas humanas. Sua eficácia, dessa forma, é indiscutível, como também seu poder de alcançar totalmente o ser humano. Esse é o ato de total despojamento do Filho de Deus e, a partir do qual ela assume todas as consequências da proclamação e implantação do Reino de Deus na vida e na história humanas.

A KÉNOSIS E A CRUZ: ÁPICES DA REVELAÇÃO DIVINA E DA SALVAÇÃO HUMANA

Balthasar toma como centro de seu pensamento teológico a experiência da cruz que culmina na manifestação da glória divina, a solidariedade de Cristo para com os seres humanos. Em uma de suas principais obras, a saber, *A teologia dos três dias*, ele parte do sábado santo, evidenciando sua centralidade na cristologia e em toda teologia. A glorificação do Pai no Filho dá a tudo novo sentido e lógica (cf. Ef 1,10). Ele explicita que a encarnação já arremete à paixão e que isso

47 CONCÍLIO VATICANO II (1997, n. 2).

exige que vejamos algumas consequências dessa forma de compreensão: a revelação de Deus ocorre por meio de quem ele envia, naquele por quem foi manifesta sua divindade e sua glória, através da total entrega em prol do serviço de todos: ele se fez servo de todos⁴⁸.

Segundo o autor, o critério da interpretação da revelação não deve ser algo pré-fabricado, devendo ser encontrado diretamente em Deus e, mais particularmente, na cruz, que é o fundamento e a chave da compreensão e comunicação de Deus com os seres humanos. Esse critério tem por base os conceitos norteadores do pensamento de Balthasar: glória, amor, beleza e verdade⁴⁹. Segundo esse pensamento, porém, a cruz não poderá ser instrumentalizada, objetivando chegar, a priori, ao significado da revelação, o que denota seu teor altamente cristocêntrico, ou seja, considera Jesus Cristo como o centro da história e de tudo que existe, idéia que aprofundaremos posteriormente.

O sofrimento, a dor e a morte representam a extremidade última entre a transcendência e a imanência, de forma que, para Balthasar, a cruz de Cristo se torna o princípio hermenêutico para compreender toda a sua vida e missão, além de ser expresso nesse evento o limite do amor divino, como também o sinal que o visibiliza. A unidade intrínseca à vida e ao evento Jesus Cristo é primordial para o autor de Lucerna, que menciona tanto seu poder salvífico, bem como a concretização histórica da ação e do amor divino. É a *kénosis* que se torna a “forma” da revelação e o seu paradoxo insuperável. É a última palavra divina, comunicada na linguagem humana, a qual comunica Deus à humanidade inteira. O hino paulino⁵⁰ torna-se base e força motriz para a compreensão balthasariana acerca da *kénosis* divina⁵¹.

48 BALTHASAR (1998, p. 23).

49 MONDIN (2003, p. 685).

50 Fl 2,6-11.

51 FISICHELLA (1990, p. 534).

No pensamento de Balthasar, o pressuposto da obediência é absoluto: ele enfatiza a dimensão *kenótica* do Verbo encarnado, que cumpriu em tudo a vontade do Pai. A obediência *kenótica* do Filho, até a exaltação do seu ser, abre o caminho para habitar com o Pai e, assim, ele comunica sua graça salvífica através do dom do Espírito Santo, que de junto do Pai é enviado⁵² e possui a missão de ensinar e recomendar tudo o que o próprio Deus falou, de forma definitiva, por meio de seu Filho⁵³. O abandono total nas mãos de Deus tornou possível a ele conceder a vida eterna, meio ao reino da morte. A epifania de Deus sucedida na cruz é dom da glória de Deus⁵⁴.

Na cruz, com um gesto de seu amor sem limites e em sua exaltação, Jesus “atrai os seres humanos para si”⁵⁵, porque ele, de junto do Pai, age na vida das pessoas, no Espírito Santo⁵⁶. A graça e a salvação são resultantes da *kénosis* divina, cuja entrega total de Cristo será inteligível apenas se for é compreendida como comunicação do absoluto amor de Deus. A tese de Balthasar, de que somente o amor é digno de fé, impõe a exigência de crer no amor absoluto⁵⁷.

O silêncio e a morte do *Lógos* tornam-se a autoafirmação de Deus e a última e suprema revelação. O abaixamento e a exaltação fazem menção ao duplo agir de Cristo, assim como à importância e à abrangência da sua obra, que é única: obra do Pai, que não pode ser dividida em fases ou momentos, mas precisa ser compreendida em sua totalidade, porque completa e realiza toda a sua existência na dupla forma, ou seja, o verdadeiro Deus e verdadeiro homem trazem e comunicam a reconciliação na condição de *kénosis*. Na humilhação de Deus, o ser

52 Jo 14,16.

53 Ibidem 26.

54 BALTHASAR (1991, p. 286).

55 Jo 12,32.

56 Rm 11,32; Tt 2,11

57 BALTHASAR (1969, p. 124).

humano é elevado e valorizado, porque Ihe é manifestada sua verdadeira humanidade⁵⁸.

A cruz de Cristo é o elemento fecundo a partir do qual é possível ver concretizado, na historicidade da vida humana, o que se verifica no interno da Trindade: uma ação de plena e irrestrita doação e comunhão. Na autorrevelação de Deus, a partir do seu amor intrínseco, de sua entrega total, são perceptíveis a presença e ação do Deus Trino. A entrega da própria vida de Jesus de Nazaré aconteceu mediante uma perfeita e plena obediência à vontade do Pai e do Espírito Santo. Com isso, torna-se claro que a “Trindade imanente” se verifica obrigatoriamente na “Trindade econômica”⁵⁹.

Falar da cruz de Cristo significa elucidar o evento da máxima concretização do amor de Deus ao ser humano. A gratuidade divina da salvação está fundada na *kénosis* e obediência de Cristo. A consciência messiânica de Jesus é fruto do seu esvaziamento e total abertura à comunicação da verdade divina, não sendo, portanto, caracterizada pelo poder, mas sim pelo serviço e pela oferta de sua vida ao Pai⁶⁰.

Para Balthasar, através dos eventos da cruz e da ressurreição, comunica-se de forma irreversível o *éschaton*, considerando, assim, a morte de Deus como o lugar originário da salvação e da revelação teológica, visto que na cruz se apresenta comunicada a essência de Deus, o qual se doa a si mesmo:

A cruz é a revelação máxima da vida divina, porque na cruz estão presentes a grandeza e a suprema e extrema manifestação de Deus. É revelação das profundezas de Deus: a cruz convida a penetrar

58 BALTHASAR (1998, p. 80-81).

59 Ibidem (p. 534-535).

60 JÖHRI (1981, p. 382).

*nas profundezas da Trindade imanente. Na cruz se manifesta a própria essência de Deus, porque ele se doa a si mesmo*⁶¹.

A cruz é o ato supremo da doação do Pai no seu Filho, cuja entrega sem reservas é a “forma da vida” (Lebensform) do Deus, que se fez homem. Para Balthasar, a forma é:

*propriamente o elemento ativo, que imprime determinada configuração na plasticidade e flexibilidade da matéria; delinea os contornos externos da figura e unifica os elementos particulares... A figura de Cristo aparece caracterizada como harmonia e proporção do perfeito acordo entre o divino e o humano: como expressão suprema da beleza e do amor de Deus e a resposta mais elevada do mundo em direção a Deus*⁶².

O hino paulino de Filipenses, capítulo 2, proclama a infinita obediência, até o momento de crucificação, como consequência do abaixamento do Filho de Deus. Na dupla forma de Jesus Cristo, a saber, no fato de ser servo e Senhor, não aparece nenhuma dialética contraditória, ao contrário, há plena unidade, uma vez que, por meio da sua humanidade, revela o divino (revela o Pai), e sua divindade está permeada pelo humano. Para compreender a existência humano-divina, é preciso adentrar na amplitude da sua existência. Para São Paulo, toda a obediência de Cristo apresenta seu vértice em sua morte na cruz⁶³.

Jesus sempre pregou a mensagem salvadora do Pai, e o evento da cruz se apresenta como consequência do seu existir e da sua pregação. O Pai está com o Filho na cruz, é ele mesmo que se entrega em sua pessoa e sofre com a incapacidade humana de acolher o Reino de Deus. Jesus é

61 Ibidem (p. 395).

62 MARCHESI (1997, p. 257).

63 Fl 2,8.

o servo de Deus, o Justo, o obediente. Estas são algumas características que denunciam quem o persegue e o mata, mas, ao mesmo tempo, em sua entrega Deus revela seu amor total aos seres humanos⁶⁴. O amor é comunicado justamente no livre dom que o Filho faz de si mesmo. Na pessoa de seu Filho, o Pai revela a universalidade redentora de sua ação, porque ele veio para salvar e comunicar vida plena a todos⁶⁵.

Sua conduta o levou à cruz, fato que se torna o eixo central para o qual tende a existência humana, em sua individualidade e coletividade. A ele foram concedidos todos os poderes, notadamente, o de redimir a todos aqueles que nele confiarem: “Cristo devia sofrer e ressuscitar dos mortos no terceiro dia, e que, em seu Nome, fosse proclamado o arrependimento para a remissão dos pecados a todas as nações, a começar por Jerusalém”, de forma que, o mundo encontrou a reconciliação na entrega total do Filho de Deus, que teve seu alcance máximo na cruz, na qual se evidenciaram, sem reservas, a força e o poder de Deus⁶⁶.

A cruz é, antes de tudo, juízo divino sobre o pecado. Somente pela encarnação, Deus poderia fazer-se, numa única pessoa, “sujeito e objeto” do juízo e da salvação de todos. A justiça de Deus é a mesma da cruz. Para o evangelista São João, a elevação e glorificação formam uma unidade. O que era escândalo (morte na cruz) se torna fonte da ação trinitária de Deus. A cruz torna-se luminosa, como forma de reconciliação entre a humanidade e o Pai, que, por sua vez, compõe nossa família, nossos filhos, porque o Espírito Santo habita em nós⁶⁷.

Para Balthasar, a revelação e a cruz são constituintes de uma mesma unidade, e a teologia cristã encontra seu cerne, necessariamente, nessa “loucura de Deus”, que comunica sua glória (*Kabod*), sendo, pois que

64 (At 3,13;26; 4,27, (At 3,14); (Fl 2); (Rm 8, 35); (Gl 2,20; 10,18); (Ef 5,1).

65 Idem (p. 102); Jo 10,10.

66 BALTHASAR (1971, p. 146); (cf. Mt 24,30); (Lc 24, 46-47); (1Cor 1, 18.24) e (2Cor 5, 18).

67 Idem (1998, p. 126); (2Cor 5, 21; 5, 18s.).

na entrega do Filho de Deus está presente a totalidade e a gratuidade do amor de Deus pelo mundo⁶⁸.

A morte requereu o silêncio, não somente para absorver esse momento de tristeza, mas também para mostrar o que apontava como último e definitivo estágio; torna-se algo novo e está perpetuamente presente na vida de todas as pessoas e coisas, porque estas foram transformadas e obtiveram novos significados. Todo relato neotestamentário é unânime em afirmar que a morte não foi a última realidade na vida de Jesus Cristo, assim como o evento da cruz faz referência à luz pascal, à ressurreição. O Pai Criador é fonte e destino de tudo. Ao ressuscitar seu Filho, ele completa sua obra e a comunica ao mundo através do Espírito Santo, através do qual sua vontade será expressa e atualizada. É impossível querer eliminar o núcleo constituinte da fé: segundo as Escrituras, “Cristo morreu por nossos pecados. Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia. Apareceu a Cefas e depois aos Doze”⁶⁹.

Jesus é a palavra viva e encarnada de Deus, o verdadeiro vivente. O *kérigma* pascal é central em nossa fé, porque é uma afirmação única e inaudita.

*A Palavra se fez carne, fórmula que permite compreender o homem Jesus, na sua vida, na sua morte e na sua ressurreição, como o cumprimento da Palavra vivente de Deus da Antiga Aliança; o evento de Jesus aparece como a última exaltante consequência do evento de Deus, e a ressurreição do Filho como a conquista da posse por parte de Deus sobre seu mundo, como a irrupção fundamental do Reino*⁷⁰.

68 BALTHASAR (1972, p. 28).

69 Ibidem (p. 167); (cf. 1Cor 15,3-5); (Jo 14,19).

70 Ibidem (p. 180).

A ressurreição é a resposta que Deus concede ao seu Filho e a toda humanidade. As suas ações vão ao encontro da sua ressurreição, na qual Deus age de forma inesperada para totalizar sua obra criadora. Uma vez que a Palavra de Deus se fez carne, morreu em estreita consonância com sua vontade e projeto, a ressurreição é o novo sinal que se abre para todos. Cristo é glorificado por tudo aquilo que ele fez às pessoas, segundo seu jeito próprio de ser e fazer as coisas. A partir da ressurreição de Cristo, Deus revelou definitivamente a sua *doxa*, que já estava presente na antiga aliança⁷¹, então, a obra do Pai se completou com a efusão do Espírito Santo. Assim, Deus está total e definitivamente presente na Igreja, na história e na vida das pessoas, revelando-nos o mistério trinitário, que agora é comunicado de forma nova e completa⁷². “O Pai não esconde a sua Palavra, já realizada no invisível, mas a faz participar da revelação escatológica”⁷³.

Cristo é o cume da revelação divina, porque, ao se encarnar, torna-se a Palavra visível e audível. Ele não somente se revela em palavras, mas assume a existência histórico-carnal (exceto o pecado), sendo a perfeita epifania, a comunicação do amor e da glória do Pai⁷⁴.

*Por meio de Jesus Cristo, o Pai entende, vê e toca o ser humano, ouvindo sua oração, observando-o na sua miséria, deixando-o repousar no seu peito. Mas vale também o inverso: o verdadeiro Deus é ouvido, visto e tocado por meio de Jesus Cristo, porque nele a voz de Deus se torna perceptível, a sua glória pode ser vista e o ser humano, apoiado sobre o peito de Jesus, pode entrar nele*⁷⁵.

71 Ibidem (p.181-182); (cf. 1Cor 2,10s).

72 BALTHASAR (1972, p.190).

73 Ibidem (p.184); (Gl 1, 12.16).

74 MARCHESI (1997, p. 299).

75 MODA (1976, p. 344).

Cristo é a plenitude da *doxa* divina, que habita nele corporalmente. A forma como ele viveu fez com que a plenitude da palavra fosse contemplada nele e através da encarnação, atingiu totalmente a natureza humana: ele não somente toca, como também transforma, refaz e reorienta a existência humana, tornando-se assim a máxima e perfeita forma da revelação, superando todas as anteriores⁷⁶.

Balthasar afirma que em Jesus Cristo, Deus-homem, está a “essência”, o “específico” da sua vida e atitude filial, da sua presença eterna junto ao Pai e da sua revelação histórica, pois ele possui a especificidade de ser (*Existenzform*). Assim, na sua historicidade, é revelada a potência de Deus até seu cume na cruz, cujo acontecimento que era entendido como escândalo, como o fim, torna-se o princípio e a plenitude da comunicação da glória de Deus⁷⁷.

Na base de sua união hipostática, em Cristo, tudo se torna fonte de autorrevelação de Deus. Conforme Balthasar, Cristo constitui o centro da história e do mundo, de forma que, nele todas as coisas obtêm significado, ou seja, por toda sua existência, ele acumulou pela graça divina e, por isso, pode comunicá-la a todos. A dedicação total de Jesus ao cumprir a vontade do Pai fez com que nele fossem cumpridas todas as promessas e profecias. Pelo fato de levá-las à plenitude, concretiza tudo o que outrora se fazia presente como possibilidade. O Filho tem conhecimento pleno da Lei e dos profetas⁷⁸.

É certo que a revelação de Deus não se esgota na Sagrada Escritura, ao contrário, sua riqueza é infinitamente superior, mas, a partir dos elementos contidos na Bíblia, a pessoa que crê pode fundamentar

76 Ibidem (p. 22); (cf. Cl 2,9).

77 MARCHESI (1997, p. 340).

78 BALTHASAR (2003, p. 36).

a sua fé e existência⁷⁹. A Sagrada Escritura é a Tradição que o próprio Cristo confere e comunica à sua Igreja.

A Palavra contida na Escritura tem uma tríplice abrangência: ela é “palavra sobre Deus”; “palavra de Deus sobre o mundo” e “palavra de Deus ao ser humano”. É Palavra, não é visão, e, muito menos, sentimento. Esse elemento central da revelação se radica no duplo mistério da Trindade Santa e da Encarnação. Deus se comunica pela palavra, porque possui a Palavra eterna que revela a plenitude de seu ser, a qual se tornou compreensível a todas as pessoas, porque assumiu a natureza humana. Dessa forma, a palavra de Deus é pessoal. Deus é aquilo que fala, e proclama o que o constitui. Ele anuncia sua verdade ao mundo⁸⁰.

CENTRO DA REVELAÇÃO E DA FÉ CRISTÃ: O AMOR

Na orientação teológica de nosso autor, o amor recebe uma acentuação fundamental, visto que ele constitui o cerne da mensagem revelada, sendo, pois, a partir da revelação, que o amor de Deus se estende a todos e o próprio Filho de Deus se torna o arquétipo do amor, porque nele se desvela a plenitude do amor do Pai, e ele faz com que esse amor se difunda na realidade histórica, concreta.

A mensagem cristã está centralizada no amor, ao qual a beleza está vitalmente unida, estando ambos implicados, na teologia de Balthasar. É imprescindível sublinhar que Balthasar não se limita à estética na sua interpretação, mas se acrescentam a essa, outras categorias importantes: a bondade, a verdade e o amor⁸¹, no entanto, considera que a

79 (cf; Jo 20,30; 21,25).

80 BALTHASAR (1964, p. 32).

81 MONDIN (2003, p. 676).

beleza é a categoria mais elevada, com a qual podemos expressar a infinita riqueza da revelação.

Para o autor, é indubitável a centralidade do amor, tanto que lhe dedica uma obra intitulada *Somente o amor é acreditável*. Ele considera que o amor é a manifestação do próprio Deus e de sua glória. Na literatura neotestamentária, é manifesto que a sublime glória divina é comunicada na pessoa de Cristo, a qual expressa o absoluto amor divino.

A plenitude do amor de Deus se revela a nós no evento Cristo, com peso escatológico. Em qualquer direção que se olhe é impossível idealizar qualquer coisa mais importante, cheia de conteúdo, de melhor realização. Deus e o mundo se movem perfeitamente distintos e perfeitamente unidos. A graça de Deus e a liberdade do ser humano se entrelaçam perfeitamente. Deus recebe toda a glória, que deve ser dada ao Absoluto. Em Cristo estão perfeitamente unidos o amor a Deus e ao próximo, enquanto ele mesmo é a perfeita expressão do amor ao Pai por nós, e por todos nós se oferece a si mesmo⁸².

Jesus Cristo é a manifestação plena do amor, da verdade e da salvação de Deus. Quem não reconhece o amor comunicado em sua vida e pessoa, não ouviu jamais a voz de Deus e sua palavra. Ele não se torna somente o caminho único para chegarmos ao Pai, ele também o revela; é a luz e a vida divina que chegam a nós, a qual é superior a qualquer forma, porque é o próprio amor absoluto: através dela Deus se comunicou sem reservas⁸³.

A vontade de Deus de comunicar o seu amor absoluto ao mundo não basta. É preciso que haja disponibilidade dos seres humanos para aceitá-lo. Este Deus que se revela como amor é “Deus que ilumina o

82 MARCHESI (1997, p. 253).

83 BALTHASAR (1971, p. 264).

amor, o faz resplandecer e acende o coração humano à luz do amor, que é capaz de ver este amor absoluto. O amor encontra seu sentido no Filho de Deus que assumiu a humanidade, como um gesto de total humildade e humilhação. Esse amor de Deus é difundido na humanidade, por meio de Cristo, no “Espírito do divino amor”. Jesus, que revelou o amor absoluto ao mundo e à Igreja, tem no Espírito Santo um aliado, para que seja dada uma resposta ao amor de Deus. O amor humano deseja e procura veementemente o amor divino⁸⁴.

O amor de Deus ao mundo supera tudo o que conhecemos e experimentamos, tanto que foi seu amor que comunicou ao mundo a plenitude do seu ser. Tudo para que, quem nele crer, obtenha a salvação. E como o amor é uma realidade altruísta, coletiva, a salvação, que é fruto do amor divino, realiza-se com os outros, porque uns são responsáveis pelos outros, na vivência da caridade.

São João explana qual é o verdadeiro amor: “Filhinhos, não amemos com palavra nem com a língua, mas com ações e em verdade”. O amor absoluto deve ter a primazia. E ao ser humano, diante do primado absoluto do amor de Deus, cabem atitudes de “adoração” e “agradecimento à glorificação de Deus”. Dada a suprema relevância desse amor, sua busca torna-se meta cabível e necessária à fecundidade da vida humana⁸⁵, uma vez que a graça salvífica e a beleza divina comunicam a grandiosidade de Deus.

O amor tem sua expressão e parâmetro em Jesus Cristo, porque ele ultrapassa as demais realidades e nem as obras, nem a fé, nada, supera-o.

*Aquele que não ama não conheceu a Deus, já que Deus é amor.
Amados, se Deus nos amou, devemos, nós também, amar-nos*

84 Idem (1969, p. 114); (cf. Rm 5,5; 9, 19,27); (1Cor 13,7).

85 Ibidem (p. 140); (1Jo 3, 18; 4,24; 9,38); (Ap 14,7); (1Ts 5, 18); (Rm 1,18); (Mt 15, 36).

uns aos outros. Ninguém jamais contemplou a Deus. Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu Amor em nós é realizado (1Jo 4,8.11-12)⁸⁶.

O amor que tudo cumpre e completa - no duplo sentido: em uma extensão para o infinito e uma concentração no acabamento, no definitivo - é necessariamente aquele que dá a forma e, como 'última forma', é aquele que dá sentido a todas as passagens precedentes e processos de integração⁸⁷.

Para o nosso autor, o pensamento revelacional é convergente, porque o *Lógos* divino, que desce ao extremo, manifesta-se como amor, “ágape” e, enquanto tal, como glória e esplendor. A palavra enquanto carne é, em si mesma, proclamação da “graça do amor” (*karis*) como glória, a beleza⁸⁸ divina e suprema verdade. A beleza encontra sua expressão no amor divino.

O ser humano é convidado a se deixar possuir pelo amor de Deus, o qual dá sentido e plenifica sua existência. A total consagração de Cristo reside no ato da sua entrega na cruz, a perfeita e plena vivência do amor, que é comunicado à Igreja⁸⁹, sendo, pois todos os cristãos chamados a essa forma de vida, ou seja, o serviço e doação aos outros.

CONCLUSÃO

No plano humano, Deus se torna acessível em seu Filho, formando comunhão de fé e vida e invade a realidade humana através de uma nova realidade: a graça salvífica, o que se dá pelo oferecimento de meios claros, pelos quais, continuamente, Deus se faz presente ao ser humano. Em seu Filho, o Pai se expressa, comunica e revela a totalidade do seu ser e, a partir

86 Ibidem (p. 161).

87 BALTHASAR (1969, p. 164).

88 Ibidem (p. 67).

89 Ibidem (p. 174).

da realidade histórica, tão fragmentada, realiza a obra da salvação. Esse gesto de Deus faz com que tudo, então, torne-se próximo do ser humano. O Transcendente (Deus) se expressa pela realidade imanente (história). Pertence ao querer benevolente paterno enviar e entregar seu Filho ao mundo, construir uma realidade a partir dele e, ao mesmo tempo, num segundo momento, constituir a Igreja como realidade sacramental perene, cuja perenidade se origina da vontade explícita de Jesus e se manifesta no momento em que ele envia seus discípulos⁹⁰.

Em suma, Cristo é a palavra definitiva de Deus, é a graça absoluta dele, proclamada na criação e revelação. Deus não tem necessidade do amor humano, mas é o ser humano que tem total necessidade do auxílio e manifestação da glória divina. Devido ao seu papel no plano salvífico, Cristo é, em pessoa, o Salvador e revelador do Pai. Sua obra não é subjetiva, porque é fruto do próprio Pai que, por seu Espírito, plenifica a vida do *Lógos* na carne. Ele também não age de forma arbitrária, mas manifesta a vontade do Pai e a sua realidade⁹¹. A plenitude última cumulada na história por Cristo permite vislumbrar a graça divina presente e operante nela⁹². Cristo é a vontade de Deus, que é o cerne dos entes e das ações dentro da história.

90 Mt 28,18-20

91 (cf. Ef 1,6.12.14); (Jo 16,13-14).

92 BALTHASAR (2003, p. 79).

BIBLIOGRAFIA

BALTHASAR, H. U. O Acesso à realidade de Deus. In: **Mysterium Salutis**. V. 2/1, Petrópolis: Vozes, 1978. p.15-44.

_____. El misterio Pascual. In: **Mysterium Salutis**. Tomo 2. Madrid: Cristandad, 1971. p. 143-194.

_____. Ensayos teologicos: Verbum Caro. V. 1. Madrid: Quadarrama, 1964.

_____. Gloria: una estetica teologica: la percezione della forma. V. 1. Milano: Jaca Book, 1985.

_____. Gloria: una estetica teologica: nello Spazio della metafísica: l'epoca moderna. Vol. 2. Milano: Jaca Book, 1991.

_____. Gloria: una estetica teologica: nuovo Patto. V. 7. Milano: Jaca Book, 1991.

_____. et alii. Comprensione del mondo nella fede. Bologna: Dehoniane, 1969.

_____. Il tutto nel frammento: per una teologia della storia: ecco l'uomo. Milano: Jaca Book, 1972.

_____. Somente o amor é acreditável. São Paulo: Paulinas, 1969.

_____. Teodrammatica: le persone del dramma l'uomo. In Dio. V. 2. Milano: Jaca Book, 1992.

_____. Teologia da história. São Paulo: Novo Século, 2003.

_____. Teologia dei tre giorni: mysterium Paschale. Brescia: Queriniana, 1998.

_____. Theologie der Geschichte. Einsiedeln: Johannes Verlag, 1959.

_____. Verdade e vida. In **Concilium**. V. 1. 1967. p. 75-81.

BÍBLIA SAGRADA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

CONCÍLIO VATICANO II. Documentos do Vaticano II. Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina. São Paulo: Paulus, 1997.

FISICHELLA, L. Rileggendo Hans Urs von Baltasar. In: **Gregorianum**. V. 71/1, Roma: Gregoriana, 1990. p. 511-546.

FORTE, B. La porta della bellezza: per un'estetica teologica. Brescia: Morcelliana, 1999.

JÖHRI, M. Descensus Dei: teologia della croce nell'opera di Hans Urs von Baltasar. Roma: Lateranense, 1981.

MARCHESI, G. La cristologia di Hans Urs Von Balthasar: la figura de Gesù Cristo espressione visibile di Dio. Roma: Gregoriana, 1977.

_____. La cristologia trinitaria di Hans Urs Von Balthasar: Gesù Cristo pienezza della rivelazione e della salvezza. Brescia: Queriniana, 1997.

MODA, A. Hans Urs Von Balthasar: un'esposizione critica del suo pensiero. Bari: Ecumenica Editrice, 1976.

MONDIN, B. Os grandes teólogos do século vinte. São Paulo: Teológica e Paulus, 2003. p. 661-698.